
Estudos preliminares sobre Metodologias de Análise de Imagens em movimento no jornalismo¹

Amanda Regina ROSA²
Felipe Sales CRUZ³
Cárlida EMERIM⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O artigo apresenta o resultado de uma etapa específica de pesquisa que propôs uma sistematização em torno de diversas metodologias de análise de imagem buscando compreender as aproximações ou distanciamentos epistemológicos possíveis nos roteiros, propostas ou modelos utilizados em outras áreas do conhecimento, tal como medicina, psicologia, *marketing*, *etc.*, para agregar à análise de imagens em movimento na mídia. O objetivo desta fase era o de buscar nos referenciais bibliográficos físicos (disponíveis na Biblioteca Universitária da UFSC) ou virtuais em repositórios acadêmicos - livros, artigos, revistas científicas, dissertações, TCC's ou teses - textos que pudessem auxiliar nessa sistematização. Para tanto foi empregado o método de revisão sistemática e uma catalogação dos processos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: imagens; metodologia; análise; revisão sistemática; comunicação.

A Imagem como Objeto de Análise

As imagens são elementos de expressão intensamente presentes na sociedade em qualquer tempo, mas, na vida contemporânea, elas assumiram um status e importância essencial. A compreensão de sua natureza não está somente naquilo que se pode dimensionar de sua visibilidade, ou seja, na forma estática, como em fotografias, desenhos, gravuras, pinturas, ou em movimento sequencial, como em animações, filmes e vídeos. Os indivíduos estão expostos diariamente a inúmeras imagens, as quais transmitem informações sob diferentes contextos, acionando o sensível e o racional.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior, do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC; bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq 2017-2018), integrante do GIPTele/UFSC/CNPq. E-mail: amandarrosa22@gmail.com.

³ Estudante de Graduação da 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC; bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq 2017-2018), integrante do GIPTele/UFSC/CNPq. E-mail: fsales27@gmail.com.

⁴ Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora na Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina; líder do GIPTele/UFSC/CNPq, orientadora da pesquisa. E-mail: carlida.emerim@ufsc.br

Nesse cenário, os olhos tendem a fazer rapidamente uma leitura natural das imagens, a qual se relaciona com a capacidade de percepção.

A confusão é frequentemente feita entre percepção e interpretação. De fato, reconhecer este ou aquele motivo nem por isso significa que se esteja compreendendo a mensagem da imagem na qual o motivo pode ter uma significação bem particular, vinculada tanto a seu contexto interno quanto ao de seu surgimento, às expectativas e conhecimentos do receptor (JOLY, 2010, p.42).

A imagem objeto da análise é, aqui, compreendida a partir do ângulo da semiótica. Segundo Martine Joly, “(...) estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações” (JOLY, 2010, p. 29). Assim, a imagem é tomada como signo, ou seja, como um elemento capaz de estimular ideias e provocar interpretações na mente dos indivíduos que a percebem. “No manuscrito 1.345 de cerca de 1985, Peirce define o signo como a ‘substância da representação ou o veículo do significado’” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p.40).

É importante, portanto, destacar que o processo de análise de imagem é diferente da atividade de reconhecer a mensagem visual - esta última se constituindo como algo aprendido e feito de forma natural pelos indivíduos. A análise de imagem é um processo que vai além, que busca refletir, compreender, descrever, contextualizar, sob pontos de vista e teoria diferenciadas, com objetivos específicos podendo partir da estética, da dialética, da teoria crítica, da teoria funcionalista, da ciência, da religiosidade, da subjetividade, enfim. O ato de analisar imagens e compreender seus significados "comporta uma parte de interpretação, isto é, de reformulação do vocabulário descritivo nos termos de uma hipótese teórica destinada a trazer à luz de certas relações entre os dados observáveis" (ORTIGUES, 1987, *apud* VICENTE, 2000, p.148). Como já dito, estamos rodeados de imagens e a análise das mesmas tem importância e é realizada em diversas áreas de conhecimento, com objetivos e funções específicas em cada uma.

O artigo propõe apresentar alguns resultados de um estudo sistemático sobre metodologia de análise de imagens em movimento buscando as proximidades e afastamentos entre o que se estabelece como processo de análise de imagens, partindo

do campo da medicina. O objetivo da pesquisa maior, coordenada por Emerim (2017-2019) é o de trazer aportes que permitam analisar a tecnologia, a linguagem e a inovação em textos televisivos telejornalísticos⁵ e verificar a aplicabilidade de uma proposta metodológica que vem sendo adotada pela pesquisadora coordenadora nos últimos anos, fundada na semiótica discursiva e empregada na análise de produtos jornalísticos.

Segundo Emerim (2017), os produtos produzidos no telejornalismo contemporâneos são híbridos e a difícil delimitação das fronteiras neste tipo de imagem inscritas *nas narrativas convergentes e compartilhadas em grande escala por redes sociais pelo mundo, obriga aos analistas do jornalismo, cada vez mais, a qualificar os aparatos teórico-metodológicos e a aprimorar os procedimentos de análise dessas imagens* (EMERIM, 2017, p.02).

Assim, o percurso desta fase de investigação que contempla este relato busca aportes, aproximações ou afastamentos em metodologias fora do campo do jornalismo para referendar ou reconstruir os pressupostos para o desenvolvimento de um processo mais universal em torno da análise de imagens em movimento. Outro objetivo é o de aplicar e testar estes resultados no estudo de imagens em movimento jornalísticas disponibilizadas em diferentes plataformas. Para tanto, o artigo faz uma breve discussão sobre o termo imagem e descreve alguns processos de análise convencionais, de forma objetiva. Depois, explicita mais a proposta de análise propondo que o subsídio da semiótica discursiva possa ser aplicado na análise de imagens em movimento para diferentes telas e em diferentes plataformas.

Pesquisa Inicial

Diante da extensa bibliografia da área, a decisão de organizar e sistematizar os materiais já existentes sobre metodologias de análise de imagem definiu pela busca e relação sistemática dos títulos analisando os resumos ou palavras chave. Depois, foram selecionados aqueles livros e artigos que mais se identificavam com os objetivos

⁵ A pesquisa macro se intitula Estudos em Telejornalismo: Linguagem, Tecnologia e Inovação – Fase 1, com prazo de término em 2019, sob a coordenação da orientadora deste trabalho e que recebeu o aporte de duas bolsas de Iniciação Científica, PIBIC/UFSC/CNPq – 2017-2018.

propostos e que poderiam contribuir diretamente com a pesquisa. A palavra norteadora foi metodologia de análise de imagens começando o mapeamento pelo campo da odontologia e da medicina, da moda, da psicologia, da arte, do *marketing* e publicidade e do cinema. Desta observação, selecionou-se tanto livros quanto artigos que pudessem dar uma forma sistemática de processo de metodologia de análise de imagem existentes e praticadas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Para alunos iniciantes na pesquisa, todo o processo de revisão sistemática de bibliografias causa um impacto muito grande porque é difícil de ser realizado e a prática não é muito funcional. Para amenizar esta dificuldade, foi feito um plano introdutório que constituía em visitas guiadas e com explicação teórico-prática do processo de pesquisa bibliográfica. Assim, neste aspecto o estudo *in loco* na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi extremamente produtiva e os ensinamentos da equipe de bibliotecárias responsáveis pelo atendimento ao público foi fundamental. Além de aprender como é realizada a organização e a hierarquização dos livros nas prateleiras, o que posteriormente facilitou a busca por obras específicas de interesse da pesquisa macro, também se conheceu um pouco do processo de indexação - isto é, de descrição e identificação do documento - que é realizado para auxiliar nas buscas feitas a partir da plataforma *online* da biblioteca. Este processo de aprendizado também serviu de subsídio para entender o próprio jeito de reunir os dados que foram sendo compilados para a pesquisa.

O principal aprendizado nesta questão foi o de optar sempre pela pesquisa de termos mais abrangentes, que se aproximem do assunto principal que se busca. Por exemplo, em vez de pesquisar os termos “Metodologia de Análise de Imagem”, muito específicos, pode-se utilizar “Leitura Imagem” no campo de busca para alcançar melhores resultados. Isso ocorre porque, devido a alta quantidade de livros presentes na biblioteca, com novos títulos chegando frequentemente e, com certa demanda para sua rápida colocação para empréstimo; torna-se complicado a leitura e análise completa dos mesmos e, conseqüentemente, uma catalogação mais complexa. Assim, a identificação é realizada com termos mais gerais, presentes em resumos e nos títulos das obras, e de

acordo com o curso de graduação ou pós-graduação da Universidade que solicitou a sua aquisição.

Embora um artigo científico não se dedique a este tipo de relato, estando mais restrito a outros tipos de textos científicos, optou-se por inserir neste trabalho visto que a iniciação científica é um processo inicial no campo da investigação e sendo o artigo submetido ao Intercom Júnior, acredita-se que dividir esta experiência é de extremo interesse aos alunos que estão neste percurso. Assim como esta experiência também explicita o método de trabalho que foi escolhido e as razões pela escolha dele.

No item a seguir, apresenta-se, de forma mais objetiva pelo próprio espaço do artigo, o resultado da pesquisa sistemática realizada nesta primeira etapa de investigação, separando os resultados por temas de busca.

Odontologia e Medicina

Porque a medicina, porque ela tradicionalmente emprega o diagnóstico do paciente a partir de uma série de códigos que servem tanto para compreender o que ocorre (interpretar) a partir da descrição dos sintomas quanto da imagem ou aspectos físicos possíveis de serem identificados pelo olhar do médico. Além disso, a maioria das técnicas de exames que aprofundam o diagnóstico médicos se estruturam a partir da análise de imagens, grosso modo, raio x, tomografia computadorizada, cintilografia ou ressonância magnética emitem imagens em diferentes aspectos cuja análise e interpretação (para além dos dados matemáticos e estatísticos em jogo) empregam códigos que permitem interpretar as imagens e, assim, emitir um diagnóstico. Longe de se querer aprofundar o método de estudo, a leitura orientada pela pesquisadora foi na direção de ver um processo, como as rotinas desta análise de imagens ocorrem.

A utilização da imagem na Odontologia ou Medicina Dentária ocorre sobretudo no âmbito da radiografia, que consiste em uma projeção de uma estrutura anatômica tridimensional em uma superfície plana. O profissional da área utiliza a imagem para realizar diversos diagnósticos, pois consegue verificar se há corpos estranhos, dentes inclusos ou lesões mandibulares, por exemplo. O diagnóstico é possível a partir de uma interpretação radiográfica, que pode ser considerada uma metodologia de análise de

imagem. No caso, há conhecimento anatômico por parte do dentista, que sabe reconhecer em uma imagem o que é o ideal e o que é problemático. “É necessário salientar o que é normal, e suas variações, para reconhecer alguma patologia” (ANTONIAZZI; CARVALHO; KOIDE, 2008, p.195). Analisando livros de diagnóstico, tais como TOMMASI (1982), nota-se que a metodologia da análise da imagem no campo da Odontologia ou Medicina Dentária consiste na descrição e posterior comparação com o ideal, ou seja, imagens tidas como ideal.

A área médica segue basicamente os mesmos princípios que a Odontologia no que diz respeito à análise de imagens. Contudo, neste campo específico, os diagnósticos a partir de imagens provêm não apenas da radiografia, mas também de outras técnicas como por exemplo a tomografia computadorizada (que gera imagens em três dimensões), a ressonância magnética e a ultrassonografia.

A metodologia permanece bem semelhante: os médicos estudam descrições detalhadas das imagens consideradas ideais, isto é, saudáveis, bem como das que apresentam problemas de ordens diversas. Assim, adquirem o conhecimento necessário para comparar com as imagens de seus pacientes e chegar a um diagnóstico. O livro *Fundamentos de Radiologia e Diagnóstico por Imagem*, de Adilson Prando e Fernando Moreira, exemplifica como funciona a prática dessa metodologia ao utilizar uma grande quantidade de imagens de diversos problemas de saúde, todas em alta qualidade, permitindo ao médico utilizar-se do livro no cotidiano para realizar diagnósticos por comparação. Aqui o processo se repete: a análise se faz a partir de padrões codificados, claro, escuro, formas, volumes, entre outros elementos que são sistematizados e servem de apoio ou base para interpretar as imagens e emitir diagnóstico, ou seja, o resultado da análise. O método é descritivo, comparativo e interpretativo.

Moda

Na moda, o vestuário é tratado como imagem e, esta, é vista como uma forma de representar o contexto vivido por uma época e as características de uma determinada pessoa, como traços de sua identidade, cultura, classe social e afins. Barnard (2003) defende que moda é comunicação e, como tal, é capaz de produzir um discurso que

transmite essas informações. Portanto, a análise de imagem na moda terá como objetivo principal interpretar o vestuário das pessoas para descobrir mais sobre o contexto e a posição social das mesmas.

A metodologia de análise utilizada na moda, que intui compreender o que a roupa diz, utiliza-se da semiologia - ciência que estuda os signos no seio da vida social (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p.92) - e de categorias de análise. Samara Kalil, autora do artigo *Construindo uma metodologia para análise de imagens de moda fundamentada na semiologia*, escolheu a categoria identidade, com sub-categoria cultura, e a categoria indumentária, com a sub-categoria moda. Com essa metodologia, Samara consegue fazer uma análise de imagem do vestuário de uma mulher dos anos de 1950, chegando a conclusões como sua provável classe social e atitude perante à época.

Partindo do pressuposto de que produzimos sentidos quando estamos diante de um texto, a roupa é texto. Esta possui sentidos subjetivos que são produzidos e que não estão descontextualizados, ou seja, relacionam-se com o momento histórico e social, com a bagagem cultural de cada indivíduo, com o sexo, com a psicologia... (KALIL, 2007, p.12).

Tradicionalmente, a análise de imagens da moda já emprega a descrição, a categorização e a análise para depois emitir a interpretação. Com base na semiótica, o método se aprofunda pelo mesmo sistema.

Psicologia

A utilização da imagem na psicologia tem seus primeiros registros no século XIX. Na época, os médicos psiquiatras começaram a estudar os trabalhos artísticos produzidos por pessoas com problemas mentais dentro dos hospitais com o interesse científico de elaborar diagnósticos (FIGUEIRA; AMARANTE; BELANCIEIRI, 2007). A metodologia utilizada para analisar as imagens produzidas pelos pacientes era, sobretudo, comparativa. Um dos pioneiros na área foi o médico Max Simon, que escreveu em 1876 o artigo *L'imagination dans la folie: étude sur les dessins, plans, descriptions et costumes des aliénés* (A imaginação na loucura: estudo sobre os desenhos, planos, descrições e fantasias do insano, em tradução própria). “Simon elaborou correspondências entre as formas artísticas e seis categorias psiquiátricas do

final do século XIX: “melancolia”, “mania crônica”, “megalomania”, “paralisia geral do louco”, “demência” e “imbecilidade”” (ANDRIOLO, 2006, p. 45).

Posteriormente, na década de 90, Hans Prinzhorn, intelectual formado em Filosofia, História da Arte e Psiquiatria, formularia uma nova tentativa de analisar as imagens, levando em consideração aspectos como tendências repetitivas, simétricas, enfim, mais relacionadas a estilo artístico.

Hoje, a linguagem verbal é predominante na área de trabalho dos pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais, conforme aponta MEDINA FILHO (2013). Contudo, para este, a imagem ainda pode ter uma grande importância nos estudos em Psicologia Social. A metodologia de análise de imagem indicada se dá através da semiótica.

Realizei extensa análise semiótica das imagens a partir do método de leitura imagética proposto por Eugeni (2004), que estabelece quatro níveis de abordagem da análise: plástico, figurativo, comunicativo e metacomunicativo. Dessa forma, pude captar uma quantidade expressiva de comunicação fornecida pelas imagens (...) (MEDINA FILHO, 2013, p. 270).

Após a análise específica das imagens, Medina Filho aliou os conhecimentos obtidos com comentários verbais dos criadores das imagens - uma opção metodológica que lhe permitiu enriquecer ainda mais os resultados alcançados. Neste procedimento, o processo é verificar formas, descrever a partir de parâmetros (códigos pré-estabelecidos) que permitem a relação e a interpretação das imagens em análise.

Cinema

A análise fílmica, ou de filmes, realizada no Cinema, pode relacionar-se com diversas áreas - pode ser uma análise de conteúdo (que diz respeito ao assunto tratado pelo filme), uma análise poética (que identifica sensações e sentimentos que um filme é capaz de transmitir), ou uma análise de imagem e de som, por exemplo (PENAFRIA, 2009).

A metodologia utilizada por todas segue a mesma ideia. Consiste, primeiramente, em decompor o filme, descrevendo-o. “É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem

isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade” (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 1994, p.15).

O segundo passo é estabelecer as ligações entre os elementos decompostos, compreendendo suas relações. Algumas categorias que podem ser utilizadas para auxiliar nessa metodologia de análise de imagem de filmes, conforme PENAFRIA (2009), são: dinâmica da narrativa (implica na decomposição do filme por partes/cenas); pontos de vista (por exemplo, verificar o ângulo da câmera e as características dos planos); e cena principal do filme (decomposição plano a plano da cena). Enfatiza-se que o método ou processo é o mesmo: descrição, emprego de padrões ou códigos e interpretação.

Marketing e Publicidade

Quando se fala em imagem no campo do *Marketing* a primeira ideia obtida é a de imagem organizacional, isto é, o sentimento e o pensamento que a instituição ou empresa gera em seus públicos de relacionamento, como consumidores, trabalhadores internos, imprensa, acionistas, entre outros. Neste âmbito, a imagem é amplamente pesquisada na área. Contudo, as imagens entendidas como linguagem visual também são intensamente utilizadas na prática cotidiana de comunicação do *Marketing* com o público. Como forma de discurso, elas são capazes de transmitir informações de forma indireta ao público e

(...) construir significados de alto valor simbólico para produtos, serviços ou marcas. Como exemplo, a atuação da *Coca-Cola*, que se apropriou de símbolos de grande importância cultural para fortalecer sua marca, como o símbolo do Natal, Papai-Noel (MEDINA FILHO, 2013, p.268).

Seja na forma gráfica, em fotografias ou em vídeos, as imagens aparecem como um fator estético e persuasivo de grande importância. Mesmo assim, ainda são pouco utilizadas como ferramentas de estudo, tanto na academia quanto na prática mercadológica (ANDRADE; JOAQUIM; GOSLING, 2012) - o que limita o uso de metodologias de análise de imagem. Entre os estudos existentes, a metodologia de análise de imagens paradas sugerida por Gemma Penn (2007) se destaca.

O método sugerido por Penn tem como base a semiologia de Roland Barthes e objetiva entender de que forma os signos das imagens geram sentidos às pessoas. Para Barthes, a interpretação das imagens é motivada por fatores intrinsecamente subjetivos, variando de indivíduo para indivíduo, enquanto a de textos é menos influenciável, promovendo resultados de compreensão mais uniformes no público.

Penn nos traz a importância dos textos para a imagem, apontando que a imagem é sempre ambígua ou polissêmica, sendo assim, o texto servirá para acabar com os vários sentidos, denominado por Barthes de ancoragem (BRISOLA, 2013, p.6).

Este método, portanto, leva em consideração primeiramente se há alguma mensagem verbal oferecida em conjunto com a imagem, o que delimita a interpretação da mesma. Posteriormente, há a análise da imagem do ponto de vista denotativo, isto é, do significado literal da imagem, que dependerá de conhecimentos linguísticos e antropológicos por parte do leitor. Por fim, a análise do nível conotativo, do significado simbólico que a imagem passa, a qual é influenciada pelo conhecimento cultural de quem está realizando a análise. Cultura também traz uma sequência de códigos que a caracterizam e permitem a análise pelo processo de descrição, comparação e interpretação.

Arte

Através do livro *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*, Anamelia Bueno Buoro apresenta uma detalhada metodologia de análise de imagem na arte baseada na semiótica greimasiana. Um dos principais pontos criticados pela pesquisadora é a construção de um significado da imagem a partir do olhar voltado a elementos externos à obra, tal como informações biográficas do artista, dados do movimento artístico no qual a obra se insere, enfim, informações históricas, sociológicas ou antropológicas adquiridas independentemente da leitura da imagem. “Tal posicionamento do sujeito cria obstáculos para uma apreensão significativa dos sentidos que cada obra constrói e apresenta aos seus leitores” (BUORO, 2002, p.39). Para Anamelia, o objeto de arte, no caso a imagem, é, por si só, carregado de

significação, sendo capaz de de construir os sentidos em uma ligação direta com o olhar do leitor - e não assumindo esse papel de coadjuvante.

O percurso metodológico sugerido para a arte leva em consideração, portanto, o olhar direto do leitor sobre a obra - o qual deve ser aberto, disponível e duradouro - e é dividido em, basicamente, seis passos: 1) olhar a imagem atenta e sensivelmente, descrevendo-a de forma criteriosa; 2) perceber a estruturação da composição do texto visual, isto é, seus elementos formais em termos artísticos; 3) relacionar a produção em foco com outras produzidas anterior e posteriormente pelo mesmo artista; 4) fazer pesquisas externas, procurando solucionar as dúvidas que surgiram após a observação da obra, tal como contexto de produção e história do autor; 5) estabelecer comparações entre a imagem em foco e outras produzidas no mesmo período, bem como anterior e posteriormente; 6) construir um texto verbal que registre o percurso feito, bem como a significação do texto lido (BUORO, 2002, p. 127 e 128).

Uma segunda forma de analisar as imagens no âmbito da arte é proposta pela pesquisadora Sandra Ramalho. Também baseada na semiótica, Ramalho vai enfatizar dois conceitos fundamentais para seu método: o de plano de expressão e o de plano de conteúdo, estabelecidos por Louis Hjelmslev (1899-1965). “A expressão e o conteúdo de um signo são inseparáveis. Hjelmslev chama a relação entre os dois planos de interdependência. Sem conteúdo não há expressão e vice-versa” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p.118). Enquanto o plano de expressão, no caso da arte, diz respeito a elementos constitutivos da imagem, tais como cor, textura, linha, ponto e dimensão, e procedimentos relacionais, tais como contraste, simetria, ritmo, entre outros; o plano do conteúdo consiste na semântica, nos efeitos de sentido aos quais o sujeito será exposto ao analisar a imagem - efeitos estes que podem variar de indivíduo para indivíduo. Desta forma, a metodologia de leitura de imagem de Sandra Ramalho propõe:

(...) primeiramente realizar “esquemas visuais”, manual ou mentalmente, com o objetivo de destacar as linhas, as formas que constituem a imagem. Logo em seguida, identificar os “elementos constitutivos”, os “procedimentos relacionais” presentes no “plano de expressão” e realizar a articulação entre eles a fim de explorar o “plano do conteúdo” – esse que gera os “efeitos de sentido” que uma

imagem produz –, e que, por sua vez, determina a sua significação. Assim, o trânsito entre os respectivos planos deve ser num fluxo contínuo, de forma que o leitor traga à tona suas percepções e conhecimentos de mundo a fim de atribuir uma significação à imagem (BARBOSA, 2010, p.154).

O modelo proposto por Ramalho também opera com a mesma processualidade, estabelecimento de códigos, descrição, comparação, relação de interpretação e resultado de análise.

Metodologia semiótica de análise de imagens em movimento

Esta parte do trabalho replica publicações já apresentadas por Emerim (2012, 2014, 2017) em livros e diferentes artigos que apontam a proposta de análise com base na Semiótica Discursiva para dar conta dos produtos do telejornalismo configurado como textos, pois, para uma análise semiótica em jornalismo para telas, centrada no nível discursivo, é preciso considerar a especificidade de sua forma de produção técnica e a sua natureza. Bem como compreender esse programa fora de seu contexto, a segunda premissa da metodologia é a de que a análise dos produtos midiáticos não pode ser realizada isoladamente do processo midiático que os constitui. As instâncias remetem ao exame das marcas discursivas que aparecem descritas/inscritas no texto e obedecem a uma ordem lógica de etapas de investigação, que podem ser assim estruturadas:

1. o objeto (um programa ou episódio) na relação com o espaço midiático no qual está inserido;
2. o objeto (um programa ou episódio) na relação com a emissora responsável pela sua produção;
3. o objeto (um programa ou episódio) na relação com a programação geral da emissora;
4. o objeto (um programa ou episódio) na sua estruturação interna, compreendendo a análise e comparação dos episódios/emissões que o compõem;
5. a análise detalhada de um programa ou episódio (parte escolhida).

Para operacionalizar este processo, recupera-se um termo técnico do fazer imagético, a *decupagem*, que é alçado ao estatuto de conceito operacional e passa a assumir uma função estratégica dentro desta metodologia. É através da decupagem que os analistas dos produtos telejornalísticos podem entender as regras utilizadas pelos produtores na produção do material sob análise. O processo de decupagem pode ser dividido em dois módulos: decupagem geral, que propõe-se a apresentar a disposição que organiza o texto-programa como um todo e, a decupagem interna, que mostra as partes integrantes deste todo. O processo de decupagem estrutura uma sequência que define o que fazer: descreve os objetos (textos-programas), analisa por categorias fixas que já foram testadas, conforme a proposta de Emerim (2012): 1) o histórico do programa na emissora; 2) o gênero de que é representante; 3) o formato em que é configurado, considerando; a) sua estrutura; b) as suas chamadas internas e externas; c) o cenário; d) os atores sociais, discursivos e suas funções; e) as temáticas preferenciais; f) o tratamento do tempo. Depois deste processo descritivo e interpretativo, é possível analisar o processo de produção de sentido e definir os efeitos de sentido produzidos pelos elementos em relação e processualidade.

Considerações Finais

O artigo em questão se propôs a sistematizar e comparar metodologias de análises de imagens em campos de estudo diversos para uma futura aplicação metodológica no campo do telejornalismo. Estabelecendo uma linha comparativa entre as áreas estudadas, percebe-se a predominância do empirismo como base analítica. Apesar de haver metodologias específicas para um percurso de análise de imagens, a avaliação, em si, é realizada com a predominância das sensações e dos conhecimentos previamente adquiridos do observador sobre a imagem e seu contexto, os quais permitem uma interpretação, conforme descreveram os autores citados em referência. Tal empirismo implica em uma dificuldade na elaboração de uma metodologia efetiva sobre análise de imagens.

Além deste ponto, infere-se que, diferentemente da área das Ciências Biológicas, as Ciências Humanas e Sociais carecem de um ideal, ou seja, um modelo

considerado correto de imagens. Enquanto na saúde é buscado o ideal de uma radiografia para estabelecer um diagnóstico, em uma espécie de método comparativo, nas Ciências Humanas e Sociais, além de não haver um diagnóstico a ser feito, não há um modelo de correção. Ao analisar imagens em telejornalismo, cinema, moda; dentre outros, não há como se estabelecer uma padronização de ideal ou correto.

Por fim, o objetivo desta pesquisa, de estabelecer uma metodologia de análise de imagem em diferentes plataformas no telejornalismo, mostra-se desafiador pelo fato de o Jornalismo ser uma Ciência Social Aplicada, que se utiliza de conhecimentos específicos das mais diversas áreas de estudo e conhecimento para produção de uma narrativa. Estabelecer uma metodologia analítica de imagens para este campo de conhecimento significa unir os mais diversos estudos publicados sobre este tema em outras áreas de conhecimento, uma convergência de conceitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. A. M.; JOAQUIM, N. F.; GOSLING, M. **Metodologias de análise de imagem no marketing: um estudo bibliométrico dos anais do ENANPAD**. Encontro de Marketing da ANPAD, 5, 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/adm/pdf/2012_EMA289.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2018.

ANDRIOLO, Arley. **O método comparativo na origem da psicologia da arte**. Psicologia USP, 17(2), 2006, p. 43-57.

ANTONIAZZI, Mônica C. Camargo; CARVALHO, Pedro Luiz de; KOIDE, Cláudia Harumi. **Importância do conhecimento da anatomia radiográfica para a interpretação de patologias ósseas**. RGO - Revista Gaúcha de Odontologia, Brasília, DF, 56.2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistargo.com.br/viewarticle.php?id=1151>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BARBOSA, M.H.R. **Leitura de imagens e o ensino da arte: considerações em educação não formal – em museus**. Anais do III Seminário leitura de imagens para a educação: múltiplas mídias. Anais online ISSN 2175-1358, Florianópolis, 2010, p.146-164. Disponível em: <http://leituradeimagens.art.br/3_seminario/artigos/MariaHelena-artigo.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

BRISOLA, Daniela Oliveira. **Vogue Brasil e a Nacionalidade: um estudo semiológico da representação brasileira nas capas da revista**. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2013, Bauru. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1673-1.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2018.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC, 2002. 252p.

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

EMERIM, Cárilda ; CAVENAGHI, Beatriz ; FINGER, Cristiane. **Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo**. Sessões do Imaginário (Revista Eletrônica), Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 2-9, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073/15935>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

EMERIM, Cárilda. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flavio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93-119.

FIGUEIRA, Emílio; AMARANTE, Marina Colombo; BELANCIEIRI, Maria de Fátima. **O pioneirismo como espelho: o uso da arte por psicólogos em ambientes hospitalares**. *Psicol. hosp.* (São Paulo), São Paulo, v.5, n.1, p.100-113, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de março 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2010.

KALIL, Samara; FRIEDRICH, Bibiana de Paula. **Construindo uma metodologia para análise de imagens de moda fundamentada na semiologia**. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, Passo Fundo - RS, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0531-1.pdf>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

MEDINA FILHO, A. L. **Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social**. *Revista Psicologia & Sociedade*, 25(2), 2013, p. 263-271. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/03.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

MOREIRA, Fernando A.; PRANDO, Adilson (Ed.). **Fundamentos de radiologia e diagnóstico por imagem**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.

ORTIGUES, Edmond. Interpretação. IN: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, v. II, pp.218-233 *apud* VICENTE, Tania Aparecida de Souza. **Metodologia da análise de imagens**. In: *Revista Contracampo*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: n. 4, 2000, p. 147-158. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/422/209>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOMMASI, Antonio Fernando. **Diagnóstico em patologia bucal**. São Paulo: Artes Médicas, 1982.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papirus Editora, 1994.